

timento. Mas não há que contemporizar, nem as questões de sentimento interessam à ciência.

As modernas descobertas sobre a cristalização dos ultra-virus, e as descobertas já mais velhas (e muito discutidas, confessemos), de organitos vivos no interior das rochas graníticas (Dr. Galippe e M.^{me} Souffland-1921) tendem cada vez mais a suprimir o «hiatus» que separa os seres vivos dos corpos inanimados, e com esta supressão o vitalismo recebe o seu golpe de misericórdia. Já hoje não pode dizer-se, como Cuénot, que «no estado actual da ciência devemos considerar a Vida como um fenómeno continuo e autónomo», mas sim que, no estado actual da ciência, tudo leva a crer que a Vida não seja «qualquer coisa de absolutamente original» (como para os vitalistas), e que há todas as probabilidades de assistirmos, mais tarde ou mais cedo, ao *modus faciendi* do fenómeno Vida. Hoje, em face desta questão, a atitude do sábio não pode ser senão de expectativa.

Quanto ao finalismo, perguntamos: quem nos autoriza a supormos uma entidade «natureza», com predicados idênticos à entidade «homem»?

Façamos um raciocínio análogo ao dos finalistas (*teleogenesisistas*, vá lá, passe). Com a mesma autoridade com que Cuénot diz que a asa do morcego é feita para o vôo, podemos nós dizer que os vales são feitos para os rios, para que os rios corram nêles. Já alguém se atreveu a dizer uma tal coisa? No entanto os dois raciocínios são idênticos. Tanta lógica há num como no outro.

A mesma lógica (perigosa lógica) pode levar-nos mais longe: diremos, com os finalistas, que o morcego vôa para caçar os insectos de que se alimenta; e diremos que

os rios correm nos vales para que as águas não se espalhem. No primeiro caso, o morcego vôa para se alimentar e para que não morra; para que haja morcegos; no segundo caso, os rios correm nos vales para que haja rios. Seria ridículo continuar tais *raciocínios lógicos*, mas a verdade é que o finalismo no-os autoriza.

Dir-nos-ão que a natureza morta é uma, e outra a natureza viva; e que só esta tem desígnios. E' mais uma arbitrariedade que nada, absolutamente nada autoriza.

O racionalismo moderno não pode, de modo algum, deixar de combater o finalismo, sob pena de se condenar a si próprio. O finalismo não é apenas inútil: é pernicioso, e «dizer todo o mal que esta teoria pode fazer à ciência, é impossível nestas poucas linhas» (Laberrenne).

Parece impossível que tenha subsistido até ao presente no espírito de certos homens de ciência (Cuénot, entre tantos outros). Belot, nos «Enseignements de la cosmogonie moderne» (1932), tem estas palavras verdadeiramente dignas de Bernardim de Saint-Pierre: «O homem foi o último dos seres vivos a aparecer sobre a terra para que não fôsse vítima dos cataclismos sofridos pelo planeta nascente... e pudesse gosar em paz as riquezas acumuladas e concentradas nas eras primitivas (hulha, petróleo, filões metalíferos nas pregas montanhosas).»

É que o finalismo radica-se num vício do pensar cujas origens remontam aos alvôres da inteligência humana: o antropomorfismo da natureza, e o egocentrismo.

Bem diz o nosso Professor Abel Salazar: «temos, todos, de reaprender a pensar (1).

(1) «Síntese» n.º 3, pág. 1.

